



HISTÓRIA DE ASSIS - PÁG. 8

CEDAP finaliza higienização e catalogação de documentos de Abílio Nogueira Duarte

Leia também: Conservação do patrimônio bibliográfico é tema da seção 'Debate'; Projeto de calouro do curso de História fica em primeiro lugar no Congresso de Iniciação Científica; Novos alunos da Faculdade plantam 40 mudas de árvores frutíferas em área pública de Assis; Pós-doutoranda do NEAM recebe prêmio "Mulheres que fazem a UNESP"; Filme com temática feminista marca a retomada do projeto 'Sextas-Básicas'; Representantes da sociedade se reúnem para "aulão" sobre o Novo Ensino Médio; Seção Cultural traz artigos sobre Teatro de Cordel e o "Amanhecer da humanidade".



jornal

NOSSO CÂMPUS

Informativo da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp de Assis

Ano XV ed. 81 [março de 2023]

Documentando a História



Foto: Equipe do CEDAP

COLABORE CONOSCO!

DIVULGUE AQUI

Artigos
Fotografias
Eventos
Ilustrações

Envie sua sugestão para jnossocampus@gmail.com

Desde sua implantação, o CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa da UNESP/Assis) tornou-se uma importante referência não somente no que se refere à preservação da história e suporte à pesquisa, mas também por proporcionar oportunidades de formação técnica, cursos, debates e outros eventos que valorizam a cultura e a memória.

Neste mês, o **Jornal Nosso Câmpus** destaca a atuação do Centro no processo de higienização e catalogação de documentos doados pela família de Abílio Nogueira Duarte, político assisense falecido em 2006.

A matéria descreve e registra, em imagens, as etapas do trabalho da equipe em preparar estes registros para que estes, posteriormente, sirvam aos pesquisadores e à população que se interessa pela história da cidade.

Confira em nossa seção Especial!

Jornal Nosso Câmpus
Ficha Técnica

Reitor:
Pasqual Barretti

Vice-reitora:
Maysa Furlan

Diretor da FCL - Assis:
Dário Abel Palmieri

Vice-Diretor da FCL - Assis:
Francisco Cláudio Alves Marques

Editoração, Revisão e Coordenação:
Cláudia Valéria Penavel Binato

Textos e Fotos:
Equipe JNC

Diagramação:
Mayara Crispim Marino

Colaboração Técnica:
STAEPE

Esta é uma publicação da Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Núcleo Integrado de Comunicação. Comentários, dúvidas ou sugestões, entre em contato pelo e-mail: jnossocampus@gmail.com.

Patrimônio bibliográfico ou quem (e por que) destrói livros das bibliotecas

Os livros impressos, para além de suas honrosas funções utilitárias, imediatas ou não, compõem um importante acervo de documentos e de testemunhos da cultura e da história das diferentes sociedades humanas. Por estas mesmas razões, livros são publicados, reunidos, preservados, difundidos, guardados, recomendados, cobiçados, emprestados, reeditados e, há que se dizer, controlados, proibidos, censurados e destruídos.

Livros despertam amor e ódio. Daí a sua persistente presença na vida cotidiana das pessoas, individual e coletivamente. Livros são portadores de sentidos humanos, desde logo, muito diversificados e complexos. Aqui reside um dinâmico núcleo de significados e da importância dos livros, sobretudo, quando adequadamente reunidos, organizados, conservados, consultados e acessíveis a todo e qualquer interessado, leitores e curiosos, grupos sociais e governos. Na história da expressão e da circulação cultural de narrativas, imagens, ideias e valores em práticas de escrita de livros e do público que lê, que gosta de livros ou ambas as sensações, os livros tocam a imaginação e as sensibilidades humanas.

O livro impresso é um produto cultural. É um objeto distinto da tela, de rolos de manuscritos em tecido, papel e pele, de registros grafados em rochas, moedas e placas metálicas ou de madeira. O livro impresso respondeu pela geração de uma cadeia de produção material e de sensibilidades, desde a sua concepção intelectual, passando pelo ato de escrever e o ato massivo da leitura, até a sua acessibilidade em diferentes suportes, formatos, cores, estilos de apresentação estética. Livros impressos resultam das artes gráficas, do design, da comunicação visual, da criação artística sobre papel e da impressão.

Por fim, e não menos importante, livros impressos são vetores dos processos sociais ao longo do tempo, movimentam ações, afirmações, símbolos, valores sociais e políticos muito precisos e concretos. Livros ou a sua simples redação, quando não publicado ou editado, despertam o desejo e a prática da censura, da fogueira, da prisão, da agressão física e simbólica contra autores e autoras, leitores e leitoras, professores e estudantes, livrarias e bibliotecas, gráficas e editoras. Livros são palavras vivas e, por isso mesmo, migram com desenvoltura para a música, o teatro,



Fotos: Reprodução

o cinema, a televisão, o facebook, o podcast, o Tik Tok entre outros suportes de tecnologia da informação e da comunicação digital.

A presença do livro impresso em coleções, antiquários, bibliotecas, museus, instituições públicas e privadas, ergue materialidades próprias a edifícios, ambientes, mobiliário, instrumentos de escrita, edição, impressão e leitura, estratégias e técnicas de promoção da cultura letuada, em gabinetes e clubes de leitura, contação de histórias, feiras e lançamentos de livros, encontros, entrevistas e diálogos com autores e autoras, boletins periódicos, abrindo-se para outros tantos universos, como o infantil, feminino, étnico, LGBTQIA+, fantástico, religioso. Espaços dos e para os livros, de e para as pessoas que giram em torno deles, convertem-se em núcleos de memória da multiplicidade de formas que o mundo dos livros assume em cada época, nação e sociedade. São pontos de partida para pesquisas de novas formas e experiências sensoriais, criadoras, imaginativas, lúdicas. Bibliotecas, suas estantes e acervos, seus equipamentos e profissionais, seus frequentadores e os curiosos, entram em interações contínuas, incessantes e infinitas.

O mundo do papel está acabando? Podemos descartar o livro impresso, consumi-lo e despedaçá-lo, instantaneamente, deixar de adquiri-los, de escrevê-los, de guardá-los? A ninguém mais será dada a oportunidade de lê-los e de relê-los, no futuro próximo ou distante? Há muitos livros sem leitores, o livro impresso tornou-se objeto de museu, deverá aguardar

a próxima onda vintage ou retrô, será o disco de vinil do futuro? Em bibliotecas, museus, escolas, tribunais, parlamentos, consultórios e escritórios, estantes particulares, livros e coleções de livros estão umbilicalmente associados a uma cultura republicana, a da liberdade, da partilha, da igualdade, da autonomia e da criatividade. A reforma protestante na Europa queria a Bíblia nas mãos de cada cristão e que este fosse apto para lê-la, interpretá-la e debatê-la junto com os seus irmãos de fé e de pregá-la aos infiéis.

O livro, seja impresso ou não, é sujeito e testemunho da história da cultura republicana, da vida e do bem comum partilhados sob a existência humana. A sua destruição, mutilação, abandono e desprezo são indicativos de uma cultura republicana incompleta, embrionária ou inexistente. Sejam as fogueiras que ardem pela intolerância política, ideológica e religiosa, sejam os grifos de canetas coloridas, marca-textos, rasgos, cortes, dobras, sujeira e amassados. O grau e as formas de agressão, de condenação e de rejeição aos livros impressos serão, sempre e apenas, sintomas de uma democracia sob risco e de uma cultura republicana que necessita ser ensinada, absorvida e promovida no dia a dia da sociedade brasileira, na ponta do lápis.

Paulo Henrique Martinez é Professor na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis e membro da Comissão de Biblioteca do câmpus.

Calouro de História é premiado em 1º lugar no XXXIV CIC local

Gabriel desenvolveu projetos desde o ano de 2020, quando estava cursando o primeiro ano do Ensino Médio

Centro de Tecnologias e Humanidades - FCL

O aluno ingressante Gabriel Marchetti Motta, calouro do Curso de Graduação em História, foi premiado com o 1º Lugar no XXXIV Congresso de Iniciação Científica como melhor projeto de PIBIC Ensino Médio. Gabriel desenvolveu projetos orientados pela professora Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi desde o ano de 2020, quando estava cursando o primeiro ano do ensino médio na Escola Estadual Dona Carolina Francini Burali. O seu primeiro projeto, desenvolvido nos anos 2020 e 2021, foi sobre *fake news* e cultura do ódio quando pesquisou sobre pós-verdade e sobre as influências das *fake news* nos processos eleitorais de 2017 no Brasil, que culminou com a eleição de Jair Bolsonaro. O estudante fez uma crítica sobre a disseminação das notícias falsas e os mecanismos discursivos que propagam a cultura do ódio e dissemina pensamentos xenofóbicos, homofóbicos e misóginos nas redes sociais e nos *sites* de notícias.

No ano de 2022, Gabriel foi premiado como autor do melhor projeto de PIBIC Ensino Médio no XXXIV CIC local, realizado na Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Após os projetos, o estudante prestou vestibular para o Curso de Licenciatura em História e, hoje, é aluno do primeiro ano de graduação. O vídeo "*Consciência Histórica e a Geração Z*", é resultado de pesquisa de Gabriel referente ao projeto "*Um estudo sobre conteúdo político e histórico em canais do Youtube*", desenvolvido em 2021 e 2022. Este é mais um resultado das pesquisas e dos projetos desenvolvidos no Centro de Tecnologias e Humanidades - #Veredas_Digitais.

"Meu primeiro contato com o PIBIC-EM veio no auge da pandemia, quando estava passando por uma fase bem difícil e estava desmotivado em relação a tudo, à nova forma de viver e principalmente de aprender remotamente. Minha professora de História, Fernanda Fazano, no meu 1º ano de Ensino Médio, me fez o convite para desenvolver uma pesquisa de iniciação científica junto à UNESP de Assis. Não pensei

duas vezes e aceitei. O tema foi "*Fake News e a Cultura do Ódio*", algo pelo que eu já me interessava desde 2018, com todo aquele movimento das eleições que dividiram o país. Nesse momento conheci a professora Andrea Dorini Rossi, minha orientadora que me motivou e me auxiliou em todos os momentos, principalmente nas dificuldades que encontrei para construir e desenvolver a pesquisa tendo como recurso apenas o celular.

No decorrer desta pesquisa, percebi um forte engajamento dos jovens da minha geração em questões históricas e políticas e a forma como a Geração Z estava se nutrendo de informações que me chamaram a atenção. Durante a pesquisa surgiu um tema que daria outro projeto, assim denominado "*Consciência Histórica e a Geração Z: um estudo sobre conteúdo político e histórico em canais do Youtube*". Dessa vez, além da orientação da Andrea, o meu co-orientador Abner Nogueira, doutorando em História, forneceu-me valiosas "dicas" para eu prosseguir com a pesquisa. Durante o Congresso de Iniciação Científica local, realizado na Faculdade de Ciências e Letras de Assis, fui premiado como autor do melhor

projeto de PIBIC-EM.

Em paralelo ao PIBIC-EM, durante o primeiro e o segundo ano tive aulas maravilhosas com os alunos do PIBID, orientados também pela Profª. Andrea. Essas aulas ministradas *on-line* reforçaram meu interesse pela História e pelos outros trabalhos e projetos da UNESP. A presença das Humanidades Digitais no processo de ensino/aprendizagem, propostas pelos graduandos, foram transformadoras. Em 2022 presentei o vestibular para o Curso de Licenciatura em História e, hoje, sou aluno do primeiro ano de graduação. Sem dúvida, a participação nesses movimentos que se desenvolvem no âmbito da Universidade, ainda no Ensino Médio, me fez ter certeza de que minha opção por este curso, em meio a uma infinidade de possibilidades, foi acertada e eu sou grato por todo o aprendizado e ansioso para dar continuidade aos projetos, desta vez, como universitário."

O Centro de Tecnologia e Humanidades parabeniza a todas as pessoas envolvidas em seus vários projetos e, principalmente, ao Gabriel Marchetti Motta por seu empenho e dedicação nos projetos e na busca por seus sonhos.

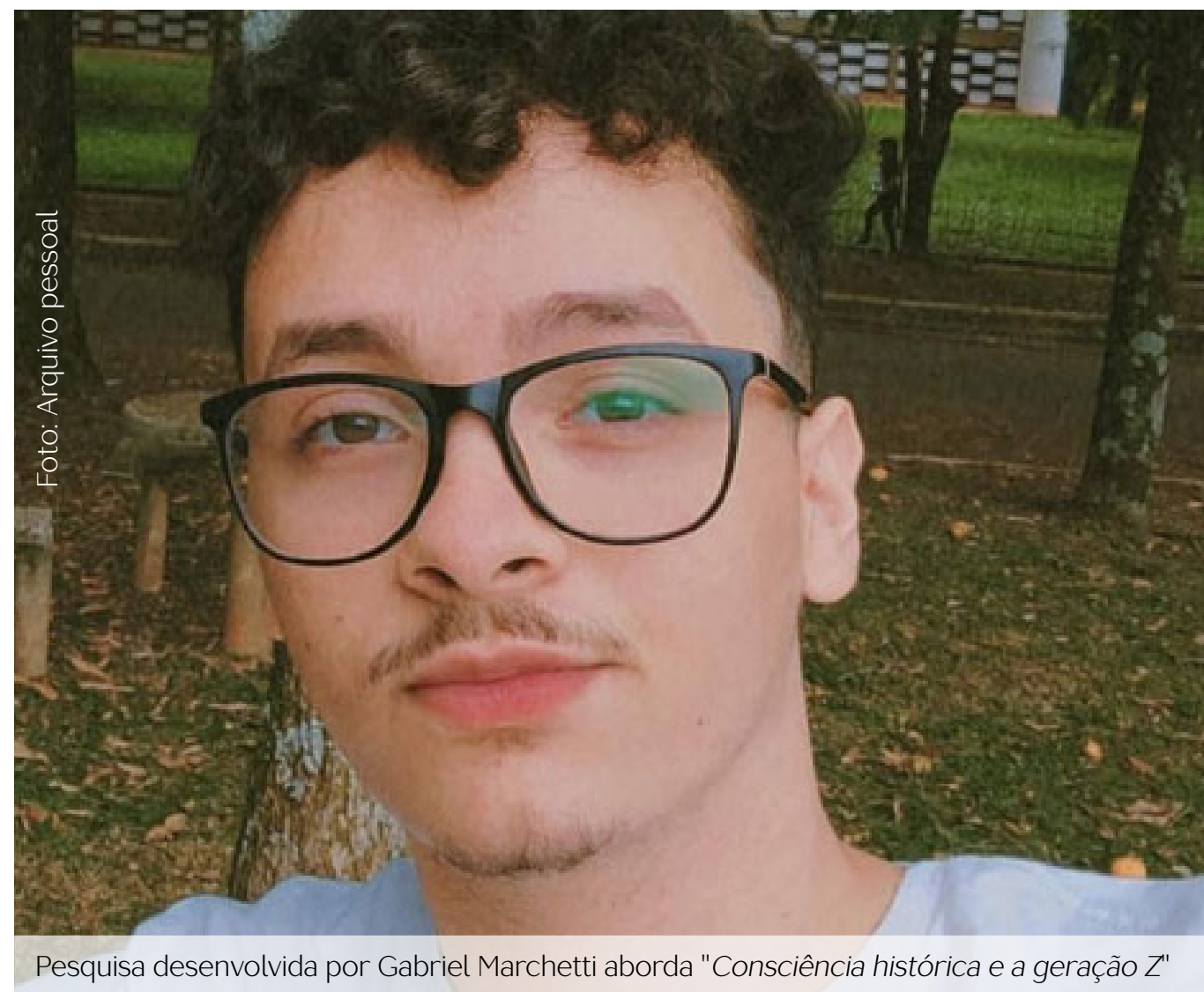


Foto: Arquivo pessoal

Pesquisa desenvolvida por Gabriel Marchetti aborda "*Consciência histórica e a geração Z*"

Calouros da UNESP/Assis plantam 40 mudas de árvores frutíferas

Iniciativa fez parte da programação da Semana de Recepção aos Calouros e contou com o apoio da SEAMA



Fotos: Arquivo pessoal

Felipe R. P. Sarmiento e Thomas Abramo

No dia 02 de março, os calouros da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP, Câmpus de Assis, plantaram mudas de árvores frutíferas em um pomar urbano da prefeitura próximo à UPA (Unidade de Pronto Atendimento) na Rua Maria Helena Santana, 75 - Conjunto Habitacional Irmã Catarina

de Assis. A atividade fez parte da Semana de Recepção aos Calouros 2023 e foi organizada pelos alunos de graduação em Ciências Biológicas, Thomas Abramo e Paulo Naoto Taniguti, junto aos membros do Centro Acadêmico de Ciências Biológicas "Aiguara" e o Laboratório de Sistemática Vegetal, coordenado pela professora Renata Giassi Udulutsch.

Nesse empreendimento, os alunos tiveram o apoio da Secretaria do Meio Ambiente do Município de Assis (SEAMA) e também a ajuda de moradores da cidade, que cuidaram do pomar. O objetivo dessa

ação foi revitalizar a área verde do bairro, com árvores frutíferas para futura utilização por parte da população assisense. Nesse sentido, 53 calouros dos cursos de graduação da UNESP plantaram cerca de 40 mudas, sendo 15 grumixamas, 12 pés de pitanga preta, 5 amoreiras, 4 pés de uvaia, 3 de biriba e 1 jatobá. A maioria das árvores foi produzida pelo aluno Thomas Abramo e algumas foram doadas pelo Humberto, funcionário da Faculdade. Os alunos agradecem a colaboração de todos os envolvidos e manifestam seu desejo de ver as mudas produzindo frutos.



Cerca de 53 calouros participaram do plantio das árvores



A ação foi organizada por membros do curso de Ciências Biológicas

Pós-doutoranda do NEAM recebe prêmio "Mulheres que fazem a UNESP"

NEAM - FCL/Assis

O NEAM – Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da UNESP, grupo de pesquisa com 38 anos de existência e coordenado pelas docentes e pesquisadores, Andrea Dorini Rossi (Departamento de História) e Cláudia Binato (Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação), da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, teve uma de suas pesquisadoras premiadas pelos Editais em Conjunto PRO-Pe/PROPg "Mulheres que fazem a UNESP". A premiada foi a pesquisadora e pós-doutoranda Renata Cerqueira Barbosa. A pesquisadora foi reconhecida por toda a sua trajetória desde a sua graduação e sua experiência em pesquisa, ensino e extensão.

Emocionada pela premiação, a pesquisadora escreveu a respeito de seu sentimento sobre o resultado do Edital: "Receber o Prêmio 'Mulheres que fazem a UNESP' no dia da mulher, me proporciona grande alegria e sentimento de realização. Há 24 anos na área de pesquisa relacionada às mulheres e as suas relações

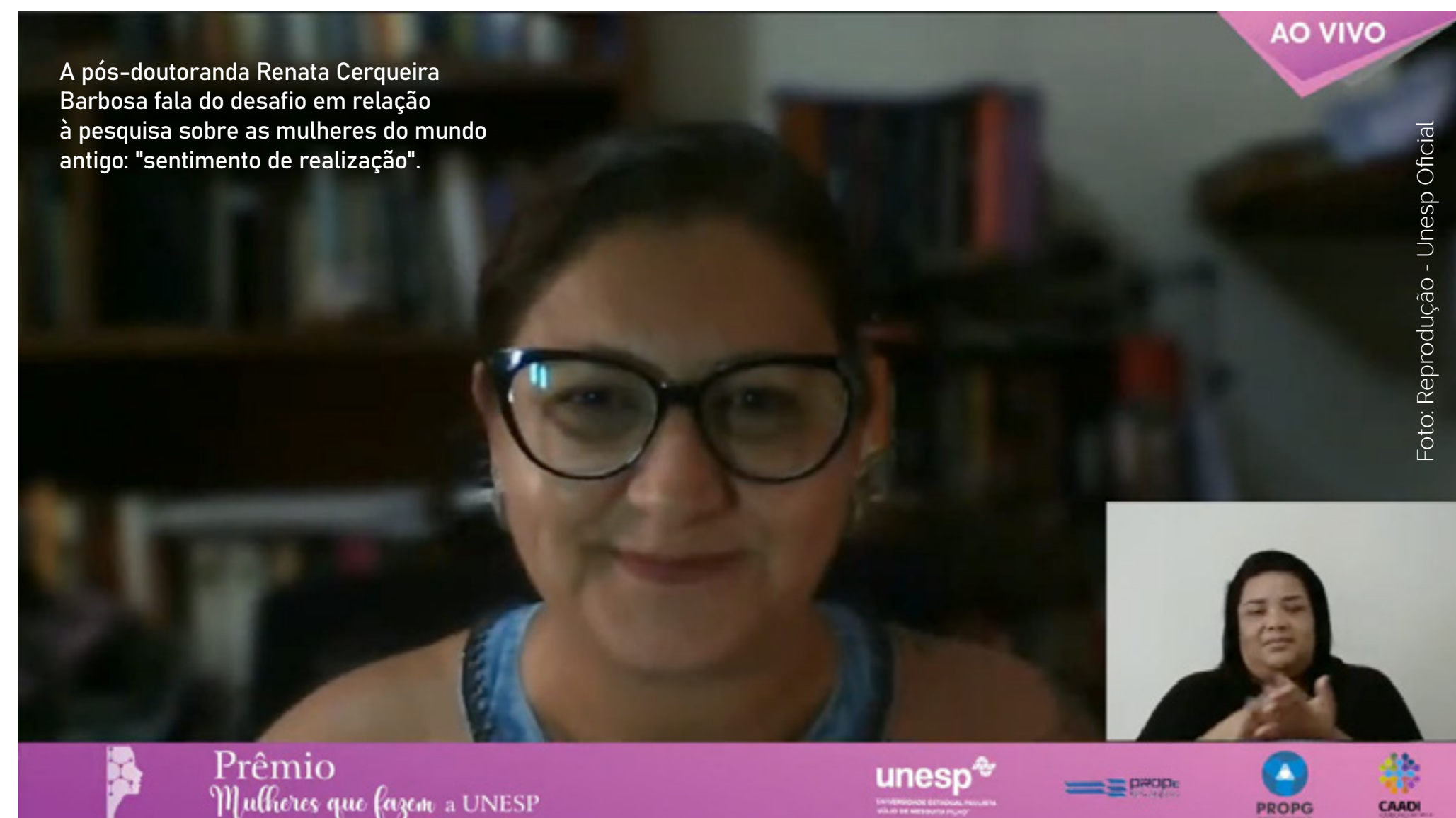
no mundo antigo - tarefa desafiadora em um país como o nosso -, posso afirmar que não foi uma tarefa fácil, mas valeu a pena cada momento, cada produção e, por que não, cada reprovação. Fazer pesquisa sendo professor temporário em uma universidade pública é ainda mais desafiador, em vista da instabilidade financeira, da dificuldade de conseguir verbas para viagens com finalidades de pesquisas, publicações e participação em eventos, fatores que realmente importam para o "Sr. Lattes". Entre contratos temporários na Rede Estadual de Ensino e em universidades públicas e institutos federais, ainda foi possível produzir trabalhos para publicação em livros e artigos científicos, tudo, no entanto, à custa de renúncias pessoais, familiares e sociais. Porém, posso afirmar que a UNESP me abriu as portas pela terceira vez. Foi a primeira universidade que me facultou um diálogo com os pesquisadores de minha área, foi a casa que me recebeu por quatro anos durante o desenvolvimento da minha tese de doutorado, o que me trouxe uma bela experiência e amigos muito queridos."

E agora, no meu pós-doutorado, tenho a honra de receber este prêmio, oferecido pelas Pró-Reitorias de Pesquisa e de Pós-Graduação da UNESP. Só posso agradecer à Universidade Pública que tanto me pro-

porcionou e continua a me proporcionar!"

Também Andrea Dorini Rossi, supervisora da pesquisadora se manifestou emocionada pelo reconhecimento da sua supervisão e de toda a sua carreira: "Queremos parabenizar a pós-doutoranda do NEAM, Renata Cerqueira Barbosa, por ter sido premiada como pesquisadora na Área de Humanidades pela UNESP e ter sido contemplada com o prêmio de reconhecimento da Excelência Científica e Acadêmica entre as pós-doutorandas mulheres da UNESP. Eu tenho muito orgulho de sua trajetória e dela fazer parte como supervisora. É um reconhecimento de toda a sua luta e dedicação desde a graduação. A Renata merece demais esse prêmio! O NEAM e o CPEP agradecem a dedicação dela e por estar conosco. É muito difícil, principalmente para mulheres, ter o reconhecimento de pessoas que trabalham com questões referentes à Antiguidade. Somos muitas que atuamos na área e a Renata representa a todas nós!"

O Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis parabeniza as mulheres envolvidas nas pesquisas científicas e acadêmicas e ressalta que esse prêmio faz com que todas se orgulhem ainda mais das trajetórias e das lutas vividas nos meios universitários.



“Sextas Básicas” retornam com foco em temas femininos

Eloá Bera Santana

No dia 10 de março de 2023, sexta-feira, a Faculdade de Ciências e Letras de Assis /UNESP deu continuidade ao projeto de mostra audiovisual “Sextas Básicas”, no Salão de Atos do prédio de Letras, com mediação do professor Gilberto Figueiredo Martins. O filme escolhido para abrir as sessões do mês de março foi a comédia dramática “Amélia” (2000), uma produção brasileira dirigida por Ana Carolina.

O filme foi roteirizado por Ana Carolina em 1989, mas, por falta de recurso financeiro, só foi finalizado em 2000. A história é uma interpretação fictícia da ocasião em que Sarah Bernhardt, atriz francesa interpretada no longa por Béatrice Agénin, fez visita ao Brasil, em 1905. O filme é protagonizado por um elenco misto em que se destacam figuras femininas, notadamente Maria Pêra, Myrian Muniz, Camila Amado e Alice Borges; em seu enredo misturam-se ricamente elementos multiculturais em que sobressaem os da cultura francesa e brasileira. No filme faz-se referência a outros trabalhos de Ana Carolina e prestígio-se textos consagrados da literatura brasileira e internacional, dando-se destaque especial a obras líricas de Gonçalves Dias.

A escolha de “Amélia” como abertura das exposições se deve ao fato de tratar-se de uma obra cinematográfica produzida, dirigida e estrelada por mulheres: vozes femininas conduzem a narrativa desde os bastidores até as cenas vigorosas à moda do teatro. Debatem-se questões relacionadas à desvalorização das artes cênicas no Brasil, ao sucateamento do cinema, à antropofagia nas artes e ao lugar de fala das mulheres no mundo, tudo em contraste com a realidade cultural europeia e brasileira. O filme também reflete sobre a acessibilidade à cultura. Ainda no mês de março, com o objetivo de dar visibilidade à pauta feminina, selecionam-se para as próximas semanas outros temas similares, nos quais se dá ênfase às mulheres, por meio dos roteiros, das atrizes apresentadas ou da produção audiovisual feminina.

As “Sextas Básicas” costumam ser sessões de exibição de obras audiovi-

suais seguidas de debates e palestras, selecionadas e organizadas pelo professor Gilberto Figueiredo Martins - professor doutor de Teoria da Literatura na FCL-UNESP e especialista em Literatura Brasileira - e seus convidados. Promove a difusão e o debate de obras cinematográficas e convida à fruição artística. Dessa forma, além do entretenimento, há discussões críticas sobre as obras

apresentadas, o fazer-artístico e a democratização do acesso às artes. Este evento, iniciativa promovida pelo CAC (Comitê Local de Ação Cultural) da UNESP, é de participação livre e visa servir à comunidade criando experiências culturais por meio de atividades descontraídas e ao mesmo tempo de caráter crítico. Fomenta, assim, o consumo e o debate de cultura na universidade pública.



Prof. Gilberto F. Martins
debatedor



10 DE MARÇO - SALÃO DE ATOS - 15:00

entrada franca e certificado para os inscritos e presentes

A escolha de “Amélia” como abertura das exposições se deve ao fato de tratar-se de uma obra cinematográfica produzida, dirigida e estrelada por mulheres, refletindo o objetivo de dar visibilidade às pautas femininas neste mês de março.

CEDAP finaliza a higienização do acervo de Abílio Nogueira Duarte

Documentação registra atividades do ex-prefeito e ex-deputado estadual assisense falecido em 2006; Arquivos já estão disponíveis para consulta da população

Equipe - CEDAP

No início de 2022, por intermédio do professor Eduardo José Afonso, o CEDAP (Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa) recebeu a doação do acervo do ex-prefeito e ex-deputado estadual assisense Abílio Nogueira Duarte, falecido em 2006.

O professor Eduardo, junto com discentes do Curso de História, haviam iniciado nos anos anteriores os primeiros trabalhos de organização da documentação. Contudo, era fundamental a destinação dos documentos para um espaço que pudesse assegurar as condições ideais para a preservação de acervos históricos.

Assim, após a oficialização da doação feita pela sua esposa, a senhora Cândida Fernandes Duarte, conhecida como "dona Candoca", o material se-

guiu para as dependências do CEDAP onde passou pelos procedimentos de higienização e acondicionamento, executado pelos alunos e bolsistas do Centro, sob a supervisão da equipe técnica.

Agora, a documentação que registra as atividades de Abílio Nogueira enquanto político, passará pela fase de identificação e organização, mas já se encontra disponível para consulta por toda a comunidade interessada.

O CEDAP é um centro de preservação e difusão de acervos históricos, literários e culturais. Para saber mais sobre o CEDAP, acesse o site: <https://www.assis.unesp.br/#!/pesquisa/cedap/>.

FIGURA PÚBLICA - Nascido em Assis, em 1928, Abílio Nogueira Duarte iniciou sua carreira política no município, onde foi eleito vereador, em 1951, pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Em 1955 foi reeleito, tendo exercido em seu segundo mandato o cargo de presidente do Legislativo municipal.

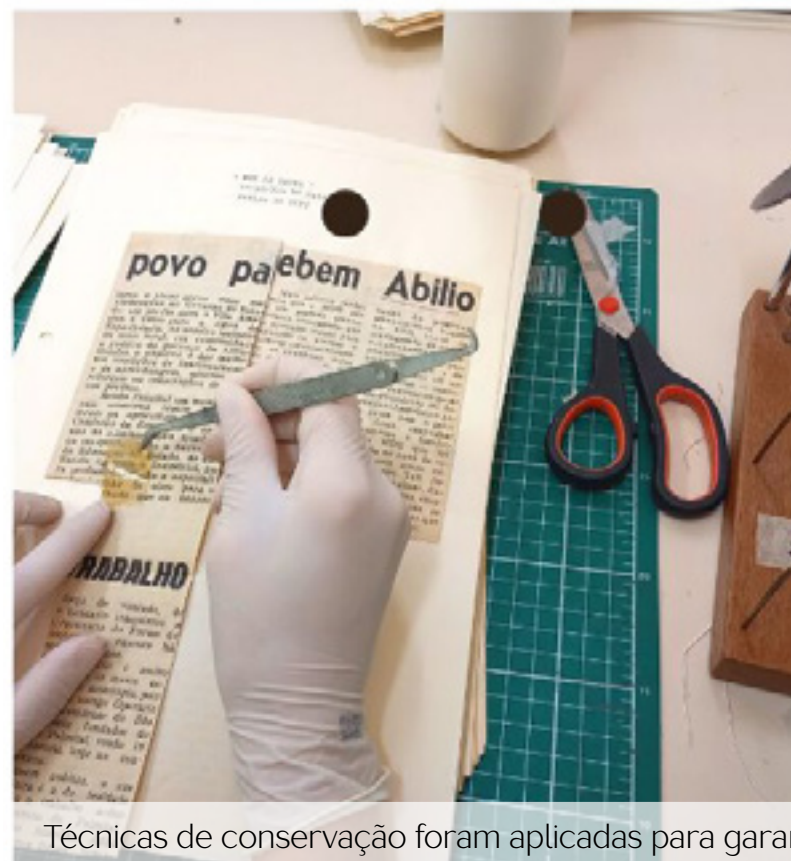
Com o fim do pluripartidarismo, filiou-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), tendo sido um dos fundadores do partido, pelo qual foi eleito deputado estadual em 1966, para a legislatura de 1967 a 1971. Foi reeleito em novembro de 1970, e durante seu mandato (de 1971 a 1975) exerceu, entre 1971 e 1973, o cargo de vice-presidente da Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp).

Deixou o Legislativo estadual no final de 1972, quando foi eleito prefeito de Assis, pelo mesmo partido. Encerrou seu mandato em janeiro de 1977, voltou à Assembleia, onde foi chefe de gabinete do então deputado Hélio César Rosas (MDB).

Foi chefe de gabinete do Departamento de Obras Públicas (DEOP) no governo de Franco Montoro (de 1983 a 1987) e posteriormente delegado regional da Superintendência Nacional de Abastecimento (Sunab) em São Paulo, no governo do presidente José Sarney.

No governo de Orestes Quéricia exerceu a presidência da Companhia de Seguros do Estado de São Paulo (Cosp), desde a posse do governador até 1991. (Fonte: Alesp).

Além de prefeito de Assis, Abílio Nogueira Duarte foi deputado e ocupou cargos importantes no cenário político estadual. Registros de sua atuação foram doados por sua viúva, a "dona Candoca", após intermediação do professor Eduardo José Afonso (foto abaixo).



Técnicas de conservação foram aplicadas para garantir a longevidade dos documentos



Foto: Reprodução



Foto: CEDAP

Os arquivos foram armazenados na sala de reserva técnica



Foto: Reprodução

Aulão sobre o novo Ensino Médio ocorre na UNESP de Assis

Organizado e ministrado pelos próprios alunos, evento atraiu representantes de vários grupos da sociedade

João Pedro Mosqueira de Campos

No dia 15 de março, ocorreu na UNESP de Assis, no “Vão de Letras”, um aulão a favor da revogação do novo Ensino Médio. O evento, organizado pelo movimento estudantil da Faculdade, buscava informar sobre a reforma do sistema de ensino, bem como sobre suas eventuais consequências, tanto imediatas quanto a longo prazo, para a formação dos jovens brasileiros.

A reforma, aprovada em 2016, busca tornar o Ensino Médio em ensino profissionalizante. Sustentando-se em argumentos como necessidade de maior

diversidade de ensino e combate à evasão escolar por “monotonicidade”, pleiteia-se um novo Ensino Médio, um ensino em que a carga horária anual seja aumentada, reduzindo-se a carga das disciplinas tradicionais, excetuadas a língua portuguesa e a matemática, e aumentando-se a dos “itinerários formativos”, que devem complementar a formação básica, com aulas sobre, por exemplo, “competências socioemocionais” e “empreendedorismo”, a serem escolhidas pelos alunos. O novo Ensino Médio começou sua implementação oficial já no início de 2022, em escolas das redes pública e privada. Atualmente, poucas são as escolas que resistem à implementação da reforma.

“Esse projeto de profissionalização do Ensino Médio não é novo. Isso foi um

dos projetos elaborados para o ensino médio (segundo grau) pela ditadura empresarial militar”, diz Maria Clara C. Teles, aluna do terceiro ano de história, presidente do Centro Acadêmico de História, militante da UJC e mediadora do aulão. “Como futura historiadora e professora de história, penso que conhecer o passado, o passado do próprio país, ou da sua história, leva à compreensão do presente e à competência para analisar criticamente o presente”.

O aulão, aberto ao público, contou com a participação não apenas de discentes unespianos, mas também de professores da faculdade e de redes externas, de alunos de outras instituições e até de pais de estudantes, cada um relatando, pelo microfone aberto, suas vivências e pontos de vista sobre o tema.



Foto: Reprodução - Agência Brasil

A revogação da reforma que implantou o Novo Ensino Médio (NEM) vem sendo discutida por grupos organizados da sociedade brasileira

O Teatro De Cordel e o Magnífico Ariano Suassuna

Por Luís Guilherme Silva

Neste último dia 30, no Salão de Atos em nosso Câmpus, participamos do evento Tardes do CEDAP. Como mediador, contamos com a presença do Professor Francisco Cláudio A. Marques e dos professores Gabriel da Silva Conessa e Gustavo Henrique A. de Lima, que proferiram a palestra “O Teatro de Cordel: considerações sobre a literatura de folhetos no âmbito da poética teatral de Ariano Suassuna”.

Ariano Suassuna (1927 - 2014) é um importante dramaturgo brasileiro, nascido no Recife (PE) e popularmente conhecido por sua grande obra Auto Da Compadecida, de 1955, que passou a filme no ano 2000.

Suassuna, que dedicou sua carreira a representar as pessoas mais necessitadas, foi também o idealizador e principal escritor do Movimento Armorial. Com objetivo de criar uma arte erudita nordestina, o Movimento buscava na Literatura de Cordel, nas músicas de viola e na xilogravura suas principais inspirações.

A arte Armorial, segundo o próprio Suassuna, “[...] brilhava em esmaltes puros, festivos, nítidos, metálicos e coloridos, como uma bandeira, um brasão ou um toque de clarim [...]”. Ela nos coloca em contato com nossas matrizes culturais, pois seu estilo de arte, único e popular da região nordestina, é manifestada como Regionalista. Porém, ao valorizar sua rica linguagem artística, o Movimento a enaltece não somente em sua região, mas também em uma escala nacional.

Ariano valorizava o teatro de cultura popular e empenhava-se para promovê-lo como cultura nordestina. Com essa finalidade, juntamente com o Teatro de Estudante de Pernambuco e mediante a um concurso de peças, descobriu novos talentos



João Grilo, personagem do Auto da Compadecida, é na verdade uma criação de João Ferreira De Lima, autor da série de coletâneas de Cordel das “Proezas de João Grilo” que, por sua vez, se baseou no teatro de Mamulengos.

Mamulengo é um tipo de fantoche típico do Nordeste, prestigiado principalmente no estado de Pernambuco. Esses fantoches, assim nomeados por derivarem da locução “Mão Molenga”, são manipuláveis por varetas feitas de madeiras leves e mãos “moles” para dar movimentos vivos a eles. A quebra da quarta parede com o intuito de perguntar algo à plateia ou até mesmo ofendê-la, o que fazia os personagens começarem uma briga no meio do palco, caracteriza seus espetáculos; suas peças, sempre carregadas de humor, apresentam enredos recheados de críticas sociais.

Esses elementos tão tradicionais na literatura de cordel, compõem, igualmente, as obras de Ariano Suassuna. Eles são encontrados, por exemplo, no Auto Da Compadecida. Nos três atos dessa comédia dramática, o autor mescla temas religiosos com os sociais, retratando o drama e o cotidiano do povo em sua luta constante contra a fome, já que o protagonista João Grilo sempre utilizava de suas artimanhas para conseguir ou comida, ou dinheiro, ou coisas de seu interesse. Cada personagem do Auto encerra um tipo social, representando não só as mazelas que assombram o povo nordestino, mas também sua forte fé, demonstrada na representação do purgatório e na intercessão divina para um final cristão e moralizante da história.

Viva o Movimento Armorial de Ariano Suassuna!

para o atual cenário da arte regional. Também criou um palco desmontável de madeira chamado de A Barraca, no qual o teatro pudesse ser transportado para diversos locais, como praças, ruas, ou lugares de grande movimentação humana. Hoje, A Barraca encontra-se fixada na praça 13 de Maio, no Recife.

Suassuna admitia que se inspirava em outras obras, o que moldou o artista que conhecemos. “[...] Foi com o Auto da Compadecida, que consegui realizar pela primeira vez uma experiência satisfatória de transpor para o teatro os mitos, o espírito e os personagens dos folhetos e romances de cordel, e também dos espetáculos teatrais nordestinos como Bumba-meu-boi e Mamulengo[...]”.



Amanhecer da humanidade

Por Mauro Max

“Ao longo de bosques e riachos e campos e morros e oceanos
Uma vida animada arrebentou do coração da Terra
Como ela sempre tem feito, com movimento e mudança,
Desde o grande amanhecer do mundo quando pela primeira vez
Deus amanheceu sobre o Caos (...)”

Percy Bysshe Shelley: *Adonais: An Elegy on the Death of John Keats* (XIX)

Hoje eu me *peguei* refletindo sobre a “dicotomia” das entre as composições, as orais (geralmente produzidas por culturas *ágrafas*) e as gráficas. E me peguei pensando, também, sobre como ambas, de diferentes modos, triunfaram ao longo da “amnésia dos tempos”.

Tudo começou quando lí uma passagem notável, no capítulo “Verdade e memória do passado” (do livro “Lembrar escrever esquecer”), na qual a professora suíça-brasileira Jeanne Marie Gagnebin menciona (perdão pelo *apud*) que, na obra “*L’individu, la mort, l’amour*”, Jean-Pierre Vernant (1914-2007) nos conta que, no grego, a palavra *sèma* significa tanto “sinal”/“-signo” [linguístico] quanto “túmulo”.

Esse vocábulo de raiz grega (*sèma*) foi o que deu origem à nossa palavra “semântica” (enquanto *sepelire*, do latim, deu origem à “sepultura”); e é curioso notar que, análoga e “paralelamente”, também das línguas germânicas e do inglês antigo originaram-se termos correlatos como o verbo “*to engrave*” (grafar, entalhar, esculpir) e o substantivo “*grave*” (cova, túmulo, sepultura).

É fascinante que, por meio dos signos grafados em baixo-relevo sobre materiais (como, por exemplo, blocos de argila, rochedos ou pedaços de couro), *algumas* mensagens escritas por pessoas que viveram há mais de três milênios permaneceram evidentes (apesar das incessantes e letais ações das intempéries) e possibilitaram que nós (casuais interlocutores virtuais) as contemplássemos, deci-

frássemos e compreendêssemos.

A sepultura (*sèma*) esculpida sob a terra, assim como palavras e epitáfios entalhados (*sèma*) nas superfícies das lápides que erguem-se sobre os túmulos dos cadáveres, desafia o esquecimento dos séculos; e é curioso notar que as civilizações *ágrafas* pré-gregas (como, por exemplo, as representadas nos poemas épicos homéricos) incineravam (ao invés de inumarem) os seus mortos.

Mediante a linguagem oral, por outro lado, nós também realizamos ações, como declamar poemas, representar personagens teatrais, cantar/contar histórias, e, assim, mantemos viva a memória de ancestrais e de pessoas queridas que (quase como “estrelas cadentes”), ao longo de lampejos, em encontros e momentos, nos agraciaram com sua presença abençoada, quando em vida.

Certas obras literárias louváveis que chegaram até nós, graças à escrita, ostentam resquícios de recursos estilísticos (como regularidade, aliterações, cadências, ritmos e rimas) os quais indicam que essas composições (assim como os fragmentos de registros de canções da Safo de Lesbos) procedem de culturas *ágrafas* e das tradições orais. As *marcas de repetições* presentes tanto no Gênesis (“... e Deus separou a luz da sombra, e ele viu que era bom, ... e Deus criou a terra firme aqui e a água ali, e ele viu que era bom”) quanto, por exemplo, na “*Ilíada*” e na “*Odisséia*” (ao longo das quais frequentemente reincidentem passagens como “o mar escuro como vinho” [o mesmo “*mar roxo*” cantado, mais adiante, por Luís Vaz de Camões], “a deusa Palas Atena dos olhos cintilantes” e “O Amanhecer com seus de-

dos rosados”) são sinais de que essas rapsódias foram, originariamente, compostas e transmitidas oralmente.

O título deste texto (apesar de abordar, muito brevemente, apenas um aspecto específico da arte literária) tem a intenção de remeter a esse acontecimento gradual, misterioso e estranhamente maravilhoso (o proverbial “amanhecer da humanidade”) que foi quando nossos antepassados inexplicavelmente começaram a dançar, pintar, esculpir, atuar, rir, se encantar, batucar, ritualizar, abstrair, idealizar, fabular, contemplar o cosmos, fazer cerâmica, cultivar, *et cetera...*

Para concluir esse texto eu gostaria de compartilhar o “Epitáfio” de Gil Vicente (1465 – 1537?) que a estimada professora Sandra Aparecida Ferreira apresentou pra nós, então do primeiro ano de Letras, no dia 29 de março de 2022 (em uma das nossas inesquecíveis aulas):

“O gram juízo esperando
jazo aqui nesta morada
também da vida cansada
descansando.

Pergunta-me quem fui eu,
atenta bem pera mi,
porque tal fui como a ti
e tal hás de ser como eu.

E pois tudo a isto vem,
ó leitor de meu conselho,
toma-me por teu espelho,
olha-me, e olha-te bem.”